

indiferença pela sorte de sua raça, arte distanciada da vida, são parte das culpas do romancista, para o professor negro, que não as perdoa e nem as esquece. Hemetério é duro: "É uma arte doentia, de uma perversidade fria, não sentida diretamente do meio, mas copiada de leituras, pacientemente ruminadas, de romances franceses e ingleses. (...) O segredo da arte de Machado de Assis é primário e rudimentar: está num vocabulário mingua-do e pobre, repetido tão amiúde, indo e tornando, passando incessantemente sobre uma mesma tônica que o leitor acaba por adormecer". Já em 1906, Pedro do Couto, nas *Páginas de Crítica*, pretendia uma revisão de Machado de Assis, cujo único mérito, a seu ver, seria o de escrever bem. O romancista, no declínio da existência, pagava o preço da glória. Patrocínio desapareceria em 1905, escrevendo o seu artigo de jornal, e para jornal alheio; Euclides, em 1909, em trágicas circunstâncias; Machado de Assis, em 1908, na solidão de sua casa do Cosme Velho, talvez cansado de viver. Euclides publicara, em 1907, *Contrastes e Confrontos*, e estava revendo as provas de *A Margem da História*, quando morreu. Eram livros constituídos de trabalhos antes publicados na imprensa. Em agosto de 1909, mês em que faleceu, havia concedido sua última entrevista, para a *Ilustração Brasileira*. No dia seguinte ao falecimento, Coelho Neto, na Câmara, fez o seu comovido elogio.

As visitas de escritores estrangeiros conhecidos ocupam espaço nos jornais: Ramalho Ortigão aqui estivera, em 1887; em 1907, aparecem Guglielmo Ferrero, cujas conferências são acontecimentos mundanos e literários, e Enrico Ferri, socialista, anticlerical, criando alguns embaraços por isso; em 1909, é a vez de Anatole France; Paul Adam chega em 1911; Rubem Dario, em 1912. A atitude comum da pessoa culta, no princípio do século, é de admiração pela Europa, mas de desprezo pelos Estados Unidos. Bastos Tigre visita-os, em 1906, e dá suas desoladoras impressões a Emílio de Menezes, em carta: "Quisera escrever-te uma longa carta, dando-te minhas impressões desta infame terra. (...) Dir-te-ei apenas que isto é o país por excelência do mercantilismo, do interesse, do egoísmo brutal. Os maiores homens desta terra, os mais conhecidos, lisongeados e amados são o Rockefeller, que é o campeão do *Dollar*, e o Jeffries, que é o campeão do Soco! (...) Povo utilitário e mercantil como é este, bem podes aquilatar quão longe está a Arte de suas cogitações. (...) Junto a esta encontrarás o tema para meia hora de tua faiscante *blague* na 'Colombo'. É uma notícia que cortei do *New York Herald*, o mais rico, o maior, o mais escandaloso e o mais mentiroso dos jornais do sistema planetário. Podes julgar, por este telegrama, o que é a imprensa ianque". Tigre teria suas razões para o que escreveu, e o contraste seria mesmo gritante com um país cuja